

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES**

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA  
O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DOCENTE NA  
PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL**

**Aluna: Janice Fornazza Gomes**

**Orientadora: Aparecida Reis Barbosa**

**Curitiba, fevereiro de 2010.**

# A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DOCENTE NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

*Autora: Janice Fornazza Gomes (UFPR)*

*Orientadora: Prof<sup>a</sup> Msc. Aparecida Reis Barbosa (UFPR)*

## RESUMO

As enormes transformações sociais decorrentes da política econômica, diante das novas tecnologias colocam em pauta, novamente, a questão educacional. Nesse contexto de mudanças, a prática desenvolvida no âmbito escolar passa a ser questionada, acusada de não cumprir o papel dela esperado: como formar pessoas capazes de enfrentar novos desafios desencadeados por essas transformações. O questionamento sobre a qualidade de ensino dispensada aos alunos levanta críticas aos docentes, responsáveis pela mediação do conhecimento, e as instituições formadoras de professores, por não prepará-los para o desenvolvimento de uma prática eficaz. O presente trabalho é resultado das preocupações, reflexões e investigações sobre a capacitação docente. Espera-se que professores busquem espaços, dentro das instituições, para uma reflexão partilhada sobre a prática pedagógica e sobre os saberes necessários à prática educativa. Essa busca se constitui em um processo de Formação Continuada. A Formação Continuada de professores não deve restringir-se a cursos esporádicos, mas estabelecer uma dinâmica permanente, proposta pelo Projeto Político Pedagógico, construído com o envolvimento de todos os profissionais da educação. Este estudo repensa a organização de estudos para Formação Continuada de professores de forma a propiciar a articulação da prática pedagógica a concepção Histórica Cultural e objetivar a superação da fragmentação e desarticulação de conteúdos, metodologia e objetivos. O destaque a formação continuada pautada na ação-reflexão-ação é pertinente em todo este estudo.

Palavras-chave: Teoria Histórico Cultural; formação continuada; prática pedagógica.

## ABSTRACT

The enormous social changes of economic policy in the face of new technologies put on the agenda again, the education issue. In this context of change, the practice developed in the school is to be questioned, accused of not fulfilling the role expected of it: as training students for new challenges triggered by these changes. The question about the quality of education afforded to students raises critical for teachers responsible for the mediation of knowledge, and teacher training institutions, not to prepare them for the development of an effective practice. This work is the result of the concerns, reflections and research on teacher training. It is expected that teachers look for spaces within institutions, for a shared reflection on teaching practices and on the knowledge necessary for educational practice. This search constitutes a process of Continuing Education. The Formation of the teachers should not be restricted to sporadic courses, but to establish a permanent dynamic proposed by the Pedagogical Political Project, built with the involvement of all education professionals. This study rethinks the organization of training for Continuing Education of teachers in order to facilitate the articulation of the pedagogical design Cultural History and aim at overcoming the fragmentation and dislocation of content, methodology and objectives. The highlight of the guided training continued in action-reflection-action is relevant throughout this study.

Keywords: Cultural Historical Theory, continuing education, pedagogical

## Introdução

Atualmente, a educação está pautada nas discussões mundiais. Discute sobre o papel e importância que o progresso educativo desempenha no desenvolvimento das pessoas e da sociedade. Essas discussões são expressas em documentos internacionais publicados pela UNESCO, refletem acerca de alguns pontos comuns e, ao mesmo tempo, contraditórios.

Essas contradições, forjadas pelo processo de mundialização cultural e globalização econômica trazem profundas transformações no mundo do trabalho, na organização do processo produtivo e nas relações sociais, principalmente na educação. A democratização de acesso e permanência, das crianças no ensino fundamental é condição para a constituição da cidadania responsável e comprometida com o país e com o futuro.

A re-organização da educação é uma forma de garantir uma sociedade múltipla uma educação que possa atuar no processo crescente de igualdade de direitos, com bases em princípios democráticos e éticos. Isso implica necessariamente, o acesso e a apropriação do conhecimento histórico, científico sob a forma de conteúdo escolar.

Parto da hipótese de que a formação dos professores dá-se em processo permanente que se inicia desde a formação escolar elementar quando o indivíduo está em contato com seu primeiro professor ou professora, formando na vivência as primeiras idéias ou o conceito inicial do "ser professor". A formação de professor, apenas na vivência ou na formação ambiental, cria uma idéia demasiado restrita e muito simples da profissão docente, "uma imagem espontânea de ensino, para o qual basta um bom conhecimento da matéria, algo de prática e alguns complementos psicopedagógicos". A vivência é importante e se for problematizada e analisada à luz dos avanços teóricos pode assumir importante papel na formação dos novos professores. É por ela que os avanços teóricos adquirem significados e concretude, permitindo novos níveis de pensamento pedagógico.

O exercício da pesquisa é uma qualidade eminentemente humana, desenvolvida na cultura e na história humanas. Através dela o ser humano criou instrumentos práticos e teóricos que lhe permitem agir e pensar sobre a natureza e obter as respostas desejadas. Com ela mudaram as

relações dos homens com a natureza, mudou o homem e mudaram as relações entre os homens. Porém, como prática cultural e histórica, a pesquisa não é uma herança biológica, assim como não são os conceitos científicos e toda a prática científica e tecnológica. Elas devem ser construídas e reconstruídas junto a cada indivíduo nos processos educacionais. Ao compreendermos isso, muda a nossa concepção de pesquisa, de ciência, de tecnologia e, como consequência, renova-se a nossa prática pedagógica.

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, toma como objeto de análise os pressupostos da concepção histórico - social, apontando a relevância dos conceitos abordados no processo de formação dos professores.

Este estudo, portanto, explicita a teoria histórico cultural, conhecida no Brasil como a Escola de Vygotsky, como fundamentos teóricos necessários para a prática pedagógica e, portanto, importantes no processo de formação continuada. Ressalta-se que os fundamentos desenvolvidos por Vygotsky sobre a concepção de criança, conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento, fornece aos professores elementos para a compreensão/mediação da relação criança e a aprendizagem, subsidiando o trabalho pedagógico que se realiza no cotidiano da sala de aula.

Entende-se que a prática docente se dá num processo dialético que envolve tanto o domínio teórico - metodológico do processo de ensino e aprendizagem, quanto às relações de contexto nas dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais que permeiam a prática social dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Justifica-se este trabalho pelas observações a respeito da globalização que têm nos apresentado como um processo que possibilita a todos o acesso a informação, trocas entre diferentes culturas. Essa postura ignora as características e os entraves postos pelo aspecto social e econômico. Nesse contexto social, o processo educativo busca a qualidade de ensino, o que exige necessariamente repensar a formação de professores, tanto no que se refere a formação inicial, como a formação continuada. Nesse sentido a formação continuada constitui sem dúvida, uma forma particular de atualidade, de natureza complexa, que não pode ser pensada como se fosse um remendo destinado a suprir as falhas da formação formal. Nessa perspectiva a formação

continuada se faz necessária para complementar o trabalho docente, e a construção de conhecimentos de forma contínua.

Será de extrema importância estudar este tema, pois a formação continuada de professores servirá como intercâmbio entre teoria e prática, elevando o nível de consciência do docente na construção do ato educativo, formando alunos também reflexivos. Como docente, a formação de professores eleva o autoconhecimento e a criticidade ferramentas estas, que contribuirão no trabalho em sala de aula.

Enquanto profissional da educação a arte de renovar se faz sempre necessário, principalmente com o apoio de pessoas que nos cercam, compreendendo o tempo disponível para o estudo e auxiliando nas referências que serão utilizadas para a realização desse trabalho.

### **Os Fundamentos Teóricos Necessários à Prática Pedagógica**

A teoria histórico cultural conhecida no Brasil como a Escola de Vygotsky, constituiu-se como uma vertente da psicologia que se iniciou na União Soviética nas primeiras décadas do século XX. Parte do pressuposto de que o homem ao transformar a natureza se transforma se humaniza a partir do trabalho. Os conhecimentos, os objetos, utensílios e instrumentos criados pelos humanos, desde o princípio da história para a transformação da natureza, de suas condições de vida e de si próprio são transmitidos de geração a geração e constitui a história da humanidade.

Cabe explicar que cultura, nessa teoria significa os bens materiais (os instrumentos de trabalho, as máquinas, objetos usados para as mais diferentes atividades humanas) e os bens não materiais (são os hábitos e costumes, a arte, as idéias, o conhecimento) produzidos pelo homem no decorrer dos tempos. É, o conhecimento, os objetos e instrumentos de trabalho usados enquanto bens sociais que formam a cultura humana.

Esses fundamentos permitem compreender o homem como um ser de natureza social, ou seja, a continuidade da história humana só é possível com a transmissão das aquisições da cultura

produzida pelas gerações anteriores às novas gerações. O lugar que cada pessoa ocupa nas relações sociais é o que a faz um ser humano único e irrepitível. Pois, “[...] cada ser humano, em seu tempo, apropria-se daquelas qualidades humanas disponíveis e necessárias para viver em sua época. Essas qualidades, além disso, diferem de um grupo social para o outro, de acordo com o acesso que cada pessoa tem à cultura” (MELLO, 2004, p.137).

### **Uma Breve Retrospectiva Histórica**

Baseado na concepção Marxista sobre a importância da produção de ferramentas no processo histórico de desenvolvimento do gênero humano, Vygotsky (1989) enfatiza que o traço fundamental da atividade humana é a mediação de instrumentos técnicos e psicológicos. Os instrumentos técnicos têm a função de regular as ações sobre os objetos e os instrumentos psicológicos regulam as ações sobre o psiquismo das pessoas, como por exemplo: a linguagem, diferentes formas de cálculos e numeração, os mapas, desenhos e todos os tipos de signos.

Segundo Engels (1986) a mão humana, além de ser um órgão de trabalho, pela adaptação as novas funções, pela transformação hereditária, que foi possível ao homem desenvolver suas habilidades cada vez mais complexas, de modo que a mão do homem pôde alcançar tal perfeição, a ponto de criar novos instrumentos. A cada nova descoberta adquirida pelo homem significa um avanço no domínio da própria natureza, que teve início com o desenvolvimento da mão. O trabalho contribui para que os laços entre a sociedade fossem consolidados, gerando a necessidade de se relacionar uns com os outros, o que fez que os órgãos vocais fossem modificando-se simultaneamente à origem da linguagem.

Os animais utilizam a natureza, modificam-na apenas para satisfazer suas necessidades estabelecidas geneticamente, adaptando-se ao meio ambiente. Já os homens modificam a natureza e obrigam-na a servi-los, dominando-a. o trabalho é o fundamento da vida humana e, por determinado aspectos, o “trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, 1986, p.19).

A especialização da mão do homem é contínua e possibilita a construção de ferramentas cada vez mais sofisticadas, em decorrência do avanço na produção é certo que em determinado momento, os humanos foram levados a trabalharem empregando ferramentas comuns para conseguir o necessário para sua sobrevivência.

“A criação e o uso de ferramentas artificiais e a cooperação social ou atividades conjuntas estiveram diretamente relacionados com a aparição e o desenvolvimento da linguagem e a evolução da capacidade de raciocínio e da consciência. Em definitivo, o trabalho, a atuação e a transformação da natureza mediante o emprego de ferramentas em cooperação com os outros são elementos essenciais no desenvolvimento do ser humano e sua constituição como tal.” (FACCI, 2004, p.52).

Engels (1986) enfatiza que a especialização da mão humana está ligada ao uso de instrumentos que foram criados de acordo com as necessidades da prática coletiva. Paralelamente ao desenvolvimento da mão, outras capacidades também foram se desenvolvendo, possibilitando o desenvolvimento da consciência. Destaca que a “mão, por si mesma, não tem criado instrumentos, se o cérebro do homem não tivesse desenvolvido qualitativamente, com ela, ao lado dela e, até certo ponto por meio dela” (ENGELS, 1986, p.26).

MARX e ENGELS (1996) assinalaram como a consciência do homem está determinada pelas condições materiais de vida e atrelada às relações sociais de produção. De acordo com o pensamento materialista histórico, as mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem modificação na natureza humana, isto é, na consciência e no comportamento dos homens, por meio da linguagem. Para MARX e ENGELS (1996), no Ideologia Alemã a linguagem é:

“[...] tão antiga quanto a consciência, a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da carência da necessidade de intercâmbio com os outros homens [...] a consciência portanto, é desde o início um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens.” (p.43).

Nessa concepção de homem encontram-se os princípios que permitem a superação da concepção de que o ser humano quando nasce traz consigo uma série de capacidades e aptidões que desenvolve à medida que cresce de acordo com o meio em que vive e, esse desenvolvimento não ultrapassa o conjunto de possibilidades que herda com o nascimento. Com as reflexões materialistas histórico essa definição cai por terra pois admitem que o ser humano como espécie diferenciada dos outros animais nasce com a potencialidade de aprender sempre. A valorização da cultura e da socialização do conhecimento como condição para aprender e desenvolver é que nos faz humano e, portanto um ser que esta em constante aquisição de conhecimentos.

Fundamentados no materialismo histórico, Vygotsky, Luria, Leontiev estudaram o psiquismo humano, objetivando entender como o ser humano aprende e se desenvolve, suas pesquisas contradiziam as concepções daquela época e demoraram a ser aceitas e estudadas. No Brasil o estudo desses teóricos se firmou principalmente no final da década de 80 quando vieram as primeiras obras traduzidas do russo. A seguir apresentamos em linhas gerais como esses teóricos concebem a criança, o conhecimento e o desenvolvimento .

### **A Concepção de Criança, Conhecimento, Aprendizagem e Desenvolvimento na Teoria Histórico Cultural**

Na perspectiva histórico-cultural toda a criança nasce com uma única capacidade, a capacidade de aprender capacidades, potencialidades, aptidões, desde que, a ela, se ofereça condição adequada de vida e de educação, para que possa desde seu nascimento, receber estímulos que possibilitam a apropriação de conhecimentos, os quais, sempre, são mediados pelo outro - por um adulto ou outra criança mais experiente. “[...] as crianças desenvolvem inteiramente e desde os primeiros anos de vida, diferentes atividades praticas, intelectuais e artísticas, iniciam a formação de idéias, que julgávamos impossível” (MELLO, 2004, p.136).

Para Vygotsky (1988) toda criança é capaz de aprender, a aprendizagem que mobiliza o desenvolvimento das funções mentais superiores, o desenvolvimento da personalidade, da inteligência, da afetividade. Nesse sentido, as relações estabelecidas com adultos, com crianças

mais velhas e mais experientes se constituem na mola propulsora para o desenvolvimento da humanidade na criança. Portanto:

“A criança que emerge dessa teoria é uma criança capaz: capaz de interagir com o adulto desde os primeiros dias de vida e desenvolver, a partir do contato emocional com esse adulto, a necessidade de comunicação; capaz de interagir com os objetos que o adulto lhe apresenta e, nessa atividade com o adulto, criar as premissas para o desenvolvimento das funções que caracterizam o homem adulto, como o pensamento, a atenção, a memória, a linguagem oral; capaz de internalizar, a partir da relação com o adulto, funções essenciais como o pensamento verbal, o controle da própria conduta, idéias sentimentos morais e éticos... Enfim, capacidades e aptidões que definirão sua inteligência e sua personalidade; capaz de colocar-se no lugar do adulto e, nesse processo compreender os papéis e as relações sociais que testemunham; capaz de fazer teorias, interpretando fenômenos e relações-teoria essas que, embora não sejam estáveis e científicas, são exercícios de pensamento e de interpretação de experiências vividas.” (MELLO, 2004, p.152-3).

Nessa perspectiva, a criança não nasce em um mundo natural, ela nasce em um mundo humano e social, no qual inicia seus primeiros anos de vida em meio a objetos e instrumentos criados e reinventados pelas culturas passadas, internalizando e se apropriando das atividades que foram acumuladas historicamente. Essa transmissão de conhecimentos criados ao longo da história por outras pessoas adultas e/ou crianças são, portanto, modificados a cada geração a partir das necessidades do momento histórico vivido.

Esse fundamento explicita que desde seu nascimento a criança está em constante interação com os adultos que compartilham com ela seus modos de viver, de fazer coisas, de dizer, e pensar integrando-a aos significados que foram sendo acumulados historicamente. As atividades que ela realiza, interpretadas pelos adultos adquirem significados no sistema de comportamento social do grupo em que vive. Nesse processo interativo se estabelecem as relações especificamente humanas.

Vygotsky (1988), admite que existem certas características herdadas biologicamente, mas o meio social exerce grande influência no desenvolvimento humano que pode estimular ou

estagnar o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, isto explica por que a linguagem possibilitou grande desenvolvimento aos humanos.

Assim, a teoria histórico cultural pressupõe que a relação entre ser humano e meio, no qual se insere, não é natural ou diretamente determinada pela estimulação do ambiente em que vive, nem tão pouco uma relação de adaptação do organismo ao meio. Vygotsky (1989) destaca que diferentemente das outras espécies, o homem através do trabalho transforma o meio produzindo cultura, cria instrumentos para facilitar sua ação na natureza, como por exemplo: arado para arar a terra, a serra para cortar árvores e transformá-las em madeiras. Instrumentos estes que acabam transformando o comportamento humano, que deixa de ser uma ação direta sobre o meio, controlada apenas pela relação entre as necessidades de sobrevivência e o ambiente.

Segundo essa abordagem a relação entre homem e meio é sempre mediada por produtos culturais: os instrumentos e os signos, e pelo outro. O signo é um instrumento psicológico e é explicado como uma representação humana para evocar e tornar presente o que está ausente, ou seja o desenho, os símbolos (como bandeira, emblema de time, logotipos, etc...).

Os humanos utilizam-se dos signos para desempenhar diversas atividades. Anotar um compromisso na agenda, fazer uma lista de convidados, colocar rótulos em objetos, usar palitos para fazer contas, contar uma historia. São as formas de utilização do signo que ampliam novas possibilidades de memória, raciocínio, planejamento, imaginação. De acordo com a teoria histórico cultural, é importante considerar que a utilização dos instrumentos e dos signos não se limita à experiência pessoal de um individuo, e sim na interação com o outro, pois o signo em si não tem representação sua representação é social.

“Desde o nascimento a criança tem com o mundo uma relação mediada pelo outro e pela linguagem. O adulto ensina a criança a usar os objetos [...] aponta, nomeia, destaca, indica objetos do mundo para a criança ao mesmo tempo em que atribui significados aos seus comportamentos (...) desse modo, e o grupo social que, por meio da linguagem e das significações possibilita o acesso às formas culturais de perceber a estrutura a realidade” (VYGOTSKY, 1988, p.37).

“O bom ensino é aquele que garante aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento. Nesse sentido, o bom ensino acontece num processo colaborativo entre o educador e a criança: o educador não deve fazer as atividades pela nem para a criança, mas com ela, atuando como parceiro mais experiente, não no lugar da criança. Quando a criança realiza, com a ajuda de um educador tarefas que superam seu nível de desenvolvimento ela se prepara para realizá-las sozinha, pois o aprendizado cria processos de desenvolvimento que aos poucos, vão se tornando parte de suas possibilidades reais. Como lembra Vigotsky, o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da memória voluntária, do controle da conduta - que só o ser humano tem capacidade de desenvolver - ocorre a partir do exterior: primeiro a criança experimenta a fala, a orientação de sua conduta, a atenção, a observação, a memória, a linguagem escrita, o cálculo matemático, o desenho [...] em conjunto com os outros, e só depois essas funções se tornam internas ao seu pensamento.” (MELLO IN VIGOTSKY, 2004, p.144).

Fica claro que a prática pedagógica exercida na escola deve dirigir o trabalho educativo como se fosse etapa de desenvolvimento que ainda não foi alcançado pela criança. Ou seja, a ação pedagógica deve impulsionar novos conhecimentos e estratégias, a partir do nível real da criança, de seu desenvolvimento cristalizado, daquilo que a criança já sabe. Por isso é que o bom ensino não é aquele que incide sobre o que a criança já aprendeu, ou já é capaz de fazer, mas é aquele que faz avançar e transformar o que a criança já faz desafiando-a fazer o que ainda não sabe ou é capaz de fazer com a ajuda de outros.

Assim, no processo de ensino, a importância da interferência intencional de um adulto que tem conhecimento, de um planejamento que privilegie conteúdos essenciais, metodologia e recursos adequados à mediação pedagógica devem ser priorizados. Também é importante destacar a necessidade de organização de atividades com grupos de crianças de diferentes idades e níveis de desenvolvimento, onde o mediador ensina quem ainda não sabe. Pois o educador deve, portanto mediar o conhecimento ao educando e provocar avanços que antes não ocorriam.

Estudos atuais têm comprovado que o processo de ensino, na escola, deve se constituir em uma ação intencional, premeditada, com a finalidade de promover uma aprendizagem pautada na compreensão e no desenvolvimento de todas as capacidades. Todo aprendizado deve passar pela mediação, pelo ensino do professor por que o desenvolvimento depende da qualidade da aprendizagem, a qual também depende da mediação do professor, do ensino do conhecimento historicamente acumulado para o aluno.

“Para esta compreensão pedagógica cabe à escola dosar e seqüenciar o saber sistematizado, o conhecimento científico, tendo em vista o processo de sua transmissão-assimilação. A tarefa que se impõe é organizar o saber escolar, ou seja, tomar como elemento norteador das atividades da escola a socialização do conhecimento sistematizado. [...] A mediação da escola visa a passagem do saber difuso, parcial, desarticulado que a criança apresenta no início do processo de escolarização para o saber sistematizado, mas organicamente articulado ao final da escolarização do aluno favorecendo, desta forma, a compreensão das relações coisas nas quais está inserido e instrumentalizando-o, ainda que parcialmente, para nela atuar.” (SANTOS E NUNES, 1990, p. 16)

Nesse contexto teórico o professor precisa conhecer os princípios da teoria histórico cultural os quais explicitam o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano nas relações do ser humano com a natureza e com seus semelhantes, na busca de responder suas necessidades, o homem diferente dos outros animais, supera seus limites, tendo a capacidade de produzir além de suas necessidades pessoais e sociais. Ao fazê-lo conhece propriedades desconhecidas, sendo assim reestrutura sua essência, abstrai características de objetos, experiências e conhecimentos, cria novas necessidades e novos desafios.

Nessa perspectiva teórica o papel do educador é essencial no processo de desenvolvimento humano. Ainda que o educador deva intervir de forma intencional, por meio dos conteúdos para fazer avançar o nível de desenvolvimento alcançado pela criança, isso não significa que deve ser ensinada a criança tudo aquilo que se acha importante sem considerar as particularidades de seu processo de aprendizagem. Para garantir que o processo de ensino impulse ao máximo o desenvolvimento da criança é preciso conhecer também as suas especificidades de aprendizagem.

Para MELLO (2004), a aprendizagem é o resultado de um trabalho pedagógico planejado e sistematizado, desenvolvido sobre a zona de desenvolvimento proximal. Dessa forma, a aprendizagem não é um processo espontâneo e sim um processo que requer intervenção e

mediação do professor, de um ensino que faça a criança avançar o que ainda não sabe fazer sozinha.

Sabe-se, hoje, que toda criança é capaz de aprender, principalmente no contexto escolar, portanto todo educador precisa ter clareza e consciência sobre seu papel de mediador do conhecimento. Esse papel não é simples, mas essencialmente consiste na atitude, na postura pedagógica de cada professor que se coloca como ponte, “elo” que relaciona o conhecimento trazido pelo educando, de sua prática social imediata, com o conhecimento científico sistematizado que deve ser ensinado na escola. Pensado dessa forma, o processo pedagógico consiste de um ensino que possibilita uma aprendizagem significativa, capaz de envolver o intelectual e o pessoal do aluno na elaboração, na reconstrução do conhecimento sistematizado. Tal processo implica que os conteúdos escolares sejam ensinados e aprendidos em uma perspectiva histórica e requer também do professor conhecimentos justificando a importância da formação continuada.

Destacamos os ensinamentos trazidos pelo professor Gasparin (2002) e apresentados em seu livro, os quais refletem o processo ensino/aprendizagem numa perspectiva histórica cultural tomando como referência os conceitos de nível de desenvolvimento real, proximal e potencial proposto por Vygotsky (1989) e os cinco passos propostos pelo Professor Saviani (1986) em sua concepção Histórico-Crítica. Saviani (1986) apresenta os cinco passos: prática social inicial do conteúdo, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final do conteúdo.

Gasparin (2002) em seu livro objetiva responder as necessidades educacionais da atualidade, organizando esses conhecimentos em uma didática, a ser utilizada em sala de aula, já que em suas observações comprovou que apesar dos professores terem conhecimento das concepções apresentavam dificuldades em articulá-las em sua prática docente. É certo que o professor Gasparin (2002) não pretende destacar modelo, mas refletir a possibilidade realizar um trabalho pedagógico organizado, sistematizado que não perca de vista o ser humano enquanto ser social.

A prática pedagógica em uma perspectiva histórico cultural requer primeiramente um professor que compreenda a importância de seu aperfeiçoamento através de grupos de estudos com seus pares e com especialistas. Portanto, cabe, aqui, explicitar os cinco passos didáticos

propostos por Gasparin (2002). O primeiro, a prática social inicial dos conteúdos consiste no ponto de partida do processo pedagógico - despertar o interesse e conhecer o que o aluno já sabe sobre os conteúdos propostos, a partir de sua prática imediata e das relações sociais onde os conceitos foram adquiridos.

“A base para que isso ocorra é o diálogo entre professores e alunos mostrando as concepções já formadas e as intenções do professor aprimorar essas concepções. Ouvir os alunos possibilita ao professor tornar-se um companheiro: gera confiança e possibilita também que a relação entre educador e educando caminhe no sentido da superação, da contradição, da dicotomia que possa existir entre eles.” (GASPARIN, 2002, p.23).

Durante a Prática Social Inicial, o professor reflete juntamente com os alunos sobre os problemas sociais, físicos, químicos, biológicos entre tantos outros, que podem ser abordados pelos conteúdos propostos, para que percebam as dimensões que o conteúdo pode alcançar no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem e, assim possam e compreender as inter-relações entre os conhecimentos veiculados na escola e a realidade mais ampla.

Num segundo momento – a problematização viabiliza a transição da prática para teoria e da teoria para uma prática modificada. O professor, a partir do que os alunos devem apreender, lança perguntas que os desafiem, desenvolvendo assim a necessidade de buscar o conhecimento. E durante esta busca está estimulando o raciocínio e, assim a aprendizagem torna-se mais significativa. O professor leva o aluno a refletir sobre a aplicabilidade dos conteúdos trabalhados na escola, em sua vida, em seu convívio com a sociedade. Portanto, os conteúdos ensinados nas instituições devem ser selecionados e sistematizados. “A escola deve trabalhar as grandes questões que desafiam a sociedade” (GASPARIN, 2002, p.36).

Infelizmente, sabe-se que isso não acontece. Geralmente os conteúdos já chegam prontos para o professor, enquanto que o ideal é que as instituições cheguem a um consenso sobre os conteúdos que melhor atendem as necessidades vigentes. “Cada conteúdo se reveste de diversas dimensões, uma vez que nasceu de uma realidade que contém todos esses elementos e, agora a ela retorna de forma mais clara, sistematizada, iluminando a compreensão e ação social e escolar do educando” (GASPARIN, 2002, p.42).

---

Segundo Gasparin (2002) a interdisciplinaridade acontece quando são explorados muitos aspectos de um conteúdo, onde o professor lança perguntas desafiadoras, que são preparadas durante o planejamento, pertinentes a cada conhecimento específico. Esse procedimento leva o aluno a pensar sobre as questões e iniciar uma reflexão sobre o emprego dos conteúdos em sua vida prática, elimina a distância que pode existir entre o que aprende na escola e o que vivencia em seu grupo social.

O terceiro momento, a instrumentalização consiste num envolvimento entre professor-aluno visando juntos a construção/apropriação do conhecimento científico. O professor é o mediador entre o aluno e o conteúdo. Aonde tudo vai se encaminhando de acordo como o sujeito apreende o objeto do conhecimento e do professor que está ensinando.

A aprendizagem na escola se dá por meio da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento, mediado pelo professor, esse processo se dá de forma consciente, intencional. A atividade mental contribui na evolução dos conceitos aprendidos. A aprendizagem, neste caso, somente torna-se significativa quando o aluno incorpora, tornando o objeto de conhecimento seu, recriando-o, passando sempre do conhecimento cotidiano para o científico. O conhecimento anterior é superado pela apropriação do conhecimento histórico, científico “dentro dessa perspectiva, não mais adquire o conteúdo por si mesmo; a apropriação dos conhecimentos ocorre no intuito de equacionar e ou resolver, ainda que teoricamente, as questões sociais que desafiam o professor, os alunos e a sociedade” (GASPARIN, 2002, p.53).

Para argumentar sobre a importância da instrumentalização, no processo de ensino histórico cultural, chama a atenção para o conceito de aprendizagem e referencia diferentes obras e autores, mas toma como seus os fundamentos apresentados por Vygotsky (1989), quando faz uma análise das diferentes teorias de aprendizagem, porque acredita que “[...] a aprendizagem pode ir não só atrás do desenvolvimento, não só passo a passo com ele, mas pode superá-lo, projetando-o para frente e suscitando nele novas formações” (GASPARIN (2002, p.76).

A teoria histórico cultural parte do princípio que a apropriação dos conhecimentos produzidos historicamente, na sociedade, em que o indivíduo está inserido, acontece, sempre com a colaboração de alguém ou sob a direção do professor. Valoriza-se a transmissão e o fazer junto,

alegando que a criança não aprende sozinha, de maneira espontânea, mas por meio da mediação consegue realizar o processo de internalização, reconstruindo para si o significado das coisas.

Nesta interação entre professor e aluno e na mediação dos é que são os conceitos científicos pelo professor que o conhecimento espontâneo dá lugar ao conhecimento científico. Dessa forma a escola de torna-se um centro de experiências interpessoais, de mediação pedagógica para que o aluno perceba as relações entre os conteúdos escolares com seu contexto social. Para isso, o professor precisa considerar como ponto de partida do processo educativo, a prática social que o aluno traz de seu meio.

Para que o processo de instrumentalização se efetive enquanto prática pedagógica, cabe reafirmar que, para planejar o processo de ensino e aprendizagem o professor precisa compreender os níveis de desenvolvimento da criança: o nível de desenvolvimento real que se constitui no conhecimento consolidado - aquilo que ela já sabe. Se ela já sabe, não é necessário ensinar novamente. Enquanto que a zona de desenvolvimento proximal é um nível de desenvolvimento que se manifesta por meio daquilo que a criança não conseguiu fazer sozinha, mas é capaz de fazer com a ajuda de outra pessoa, portanto é nesse espaço psicológico que o professor deve desenvolver o processo de mediação do conhecimento ainda não consolidado.

Assim, o professor, em sua práxis pedagógica deve considerar o nível de desenvolvimento potencial da criança que é constituído pelo conhecimento que a criança já tem consolidado e pelo conhecimento que está em emergência – é a junção do nível de desenvolvimento real e da zona de desenvolvimento proximal. Esse saber possibilita ao professor determinar que objetivos estabelecer, que conteúdos selecionar, como avaliar, para que aquilo que a criança faz com ajuda, hoje, ela possa fazer sozinha amanhã.

A instrumentalização se constitui em um processo didático que se caracteriza como o centro do processo pedagógico, onde o professor, por meio do ensino, da mediação, possibilita que o aluno aprenda e, por meio da apropriação do conhecimento científico dinamize os seus processos mentais, se desenvolva.

No quarto momento, a catarse - consiste na avaliação do processo de ensino e de aprendizagem - a síntese onde o aluno manifesta o que assimilou durante o processo traduzindo

por escrito ou oralmente sua compreensão. Marca sua nova visão a respeito do conteúdo, agora já mais aprimorado e consciente, é a manifestação do novo conceito adquirido. “A catarse é a demonstração teórica do ponto de chegada, do nível superior que o aluno atingiu. Expressa a conclusão do processo pedagógico conduzido de forma coletiva para a apropriação individual e subjetiva do conhecimento” (GASPARIN, 2002, p.131).

Por ultimo - a Prática Social Final do Conteúdo define como ponto de chegada do processo pedagógico: tudo aquilo que foi apropriado pelo aluno retorne à prática social. Transpondo da teoria para a prática os conceitos adquiridos por meio do ensino sistematizado. Pode se dizer que a consolidação dos conhecimentos mediados pelo professor deve se constituir, para o aluno, em instrumentos que permitam compreender melhor a realidade e instituir-se como sujeito histórico e cidadão na sociedade em que está inserido.

“Todavia, se o educando não for desafiado e pôr em prática, numa determinada direção política, os conhecimentos adquiridos ou construídos na escola, todo trabalho despendido para usar esse método de ensino e aprendizagem assemelhar-se-á aos tradicionais, aos escolanovistas e tecnicistas: não irá além da sala de aula.” (GASPARIN, 2002, p. 132)

Esse conhecimento por parte do professor possibilita a elaboração de um ensino com qualidade, uma aprendizagem mais significativa e impulsionadora do adequado para o desenvolvimento de seus alunos. Os, conteúdos ensinados de forma sistematizada proporcionam a aquisição de conhecimentos científicos. Portanto o professor planeja sua ação e o percurso tendo claros os objetivos que pretende alcançar com a turma.

### **A Criança, a Mediação e a Aprendizagem**

O professor não pode se esquecer que a mediação dos conteúdos escolares exige cada vez mais, por parte da escola, um ensino que possibilite às crianças buscar informações, organizá-las, relacioná-las, discuti-las com o professor e com as demais crianças, de forma que possibilite a

apropriação significativa do conhecimento e a sua incorporação à realidade em que está inserido e, de posse desse conhecimento tenha condições de interferir e mudá-la.

“Conceber a criança como capaz de aprender significa proporcionar-lhe o acesso ao estudo do conteúdo escolar como atividade essencial, ou seja, desenvolver o processo de mediação do conhecimento, isso significa criar condições adequadas de educação: criar habilidade, capacidades e aptidões e necessidades que contribuam para o desenvolvimento do processo de humanização das crianças inseridas nessa cultura.” (MELLO, 2004)

Apesar dos avanços tecnológicos e científicos, a criança, não é pensada como cidadã. A relação adulto-criança é ainda marcada pelo preconceito. A criança ainda é concebida como alguém que só é capaz de aprender o básico para suas necessidades. E, assim, subestima-se a sua capacidade de aprender ou quem sabe a capacidade de ensinar dos educadores, tornando-se uma situação cômoda, se a criança for concebida como um ser capaz muda radicalmente a compreensão, ainda hoje vigente, acerca da infância.

De acordo com a teoria histórico cultural o lugar ocupado pelas crianças nas relações sociais de que participa é determinante para sua aprendizagem e desenvolvimento. Esse lugar é justamente determinado pela concepção que o adulto tem da criança, da aprendizagem e do desenvolvimento. Nessa perspectiva é o adulto que, ao se aproximar da criança, apresenta-lhe o mundo da cultura e cria pela necessidade, interesses e motivos apreender esse mundo e desenvolver-se. A criança aprende de acordo com as experiências vividas junto aos mais velhos.

A aprendizagem consiste na apropriação do conhecimento. Considerando que o homem é um ser de natureza social, essa apropriação acontece primeiro no âmbito partilhado, em interação com o outro que já sabe, ou seja, aprende por meio das relações interpessoais e depois estabelece as relações intrapessoal. É um processo mediatizado que deve ocorrer entre professor – conhecimento – aluno. Aquilo que o ser humano aprende e conhece dos bens materiais e não – materiais determinam o que ele é.

É possível afirmar que o processo de aprendizagem começa muito antes de a criança entrar na escola. “A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda aprendizagem da criança na

escola tem uma pré-história” (VIGOTSKY, 1988, p.39). Toda criança antes da entrada para a escola participa, ainda de formas diferenciadas e de situações de aprendizagem. É assim que as praticas sociais desenvolvidas e vividas fora da escola têm um papel determinante no modo como as crianças atribuem sentido as suas aprendizagens na escola.

VIGOTSKY (1988) hierarquiza as formas de representação – de aprendizagem do mundo pela criança desde o gesto indicativo, a simulação pelo jogo, o desenho e a fala, a escrita. Nesse caso a apropriação da linguagem não verbal e pela fala, a criança, institui uma forma indireta de representar sua compreensão de mundo para, só mais tarde, dominados os mecanismos formais representam-no, também diretamente em mediação da fala e por escrito.

Esses propostos teóricos permitem entender que a apropriação dos conteúdos escolares depende das condições materiais de vida e de educação que condicionam os conhecimentos e capacidades de que o aluno dispõe quando chega a escola, ou seja, a sua pratica social inicial; das condições de aprendizagem em sala de aula; do afeto e consideração do professor para com os alunos; do entusiasmo com que ensina e, sobretudo, do modo como o professor ensina.

A aprendizagem, se bem conduzida, promove níveis superiores de desenvolvimento. E, é nesse sentido que ela se justifica. Aprendizagem e desenvolvimento são dois pólos de uma mesma unidade. A influência entre eles é mútua. No entanto, o processo de formação, de desenvolvimento é desencadeado pela aprendizagem. O modo como é concebida a relação entre esses dois pólos orienta a postura dos educadores. Do ensino depende o aprendizado, do aprendizado provém o desenvolvimento. Este é um dos principios da teoria histórico cultural. E, nesse contexto, o papel do professor é constituído pelo ato de ensinar e ensinar bem. Ensinar significa explicitar ao outro um conhecimento que é propriedade de um individuo, é dar a compreender, a conhecer os conteúdos, os conhecimentos escolares.

Ao assumir essa perspectiva histórica deve-se ter o objetivo de superar o ensino naturalizado, fragmentado, estanque, de memorização mecânica que prioriza o aprendizado da técnica, isto é, repetido sempre da mesma forma para acampar um ensino dos conteúdos contextualizados historicamente, fundamentados na reflexão de acordo com a teoria vygotskyana, o processo de ensino deve ter como referência o estudo, a pesquisa, ou seja, o conhecimento aprofundado, pelo professor como condição essencial para o planejamento do que ensinar, para

que, como, quais as relações históricas e culturais do conteúdo escolar com a realidade, assim a formação continuada é essencial para todos os docentes.

### **Formação Continuada dos Professores no Brasil**

No atual momento histórico vivido as observações positivistas a respeito da globalização têm-se apresentado como um processo que possibilita a todos o acesso à informação, trocas entre diferentes culturas. Entretanto, nessa postura teórica são ignoradas as características e os entraves postos pelos aspectos sociais e econômicos às camadas desfavorecidas. Para atender a sociedade elitista o processo educativo busca a qualidade de ensino, o que exige necessariamente repensar a formação de professores, tanto no que se refere à formação inicial, como à formação continuada.

No entanto, para a teoria histórico cultural e outras pedagogias críticas a formação continuada constitui, sem dúvida, uma formação imprescindível na atualidade, de natureza complexa, que não pode ser pensada como se fosse um remendo destinado a suprir as falhas da formação formal. Nessa perspectiva a formação continuada se faz necessária para complementar o trabalho docente, e a construção de conhecimentos entre teoria e prática de forma contínua, elevando o nível de consciência e a criticidade, ferramentas estas, que constituem o trabalho em sala de aula.

Para Novoa (1998) é importante que sejam valorizados os paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos e assim possam assumir a responsabilidade de seu próprio desenvolvimento profissional, com autonomia, passando a protagonistas na implementação de políticas educativas.

Portanto, na formação continuada o professor, aprende, desaprende, reestrutura o aprendizado, faz novas descobertas aprimorando, muitas vezes, sua formação. Porém na maioria das vezes isso não acontece de forma espontânea, o fato de estar na escola não garante a presença das condições mobilizadoras de um processo formativo. Uma prática educativa mecânica não favorece esse processo, é importante que essa prática seja consciente reflexiva, capaz de

---

identificar os problemas e solucioná-los, em atitude compartilhada de todo o corpo docente da instituição escolar.

Segundo Candau, (1997) as escolas precisam se assumir como lugares de formação procurando se estimular componentes formativos que estejam atrelados com o dia-a-dia da comunidade escolar, e não deslocando o professor para outro espaço. Trata-se de trabalhar o corpo docente buscando novas estratégias na intervenção na prática pedagógica concreta, ou seja, oferecer espaços e tempo institucionalizados nesta perspectiva, de criar sistemas de incentivo à sistematização das práticas pedagógicas dos professores e a sua localização, de ressituar o trabalho de supervisão e orientação pedagógica. Nessa perspectiva, parte-se das necessidades reais dos professores, dos problemas do seu dia-a-dia e favorecem-se processos de pesquisa-ação.

“Com base nesta constatação, a formação de professores deve ser encarada como um processo permanente, integrado no dia-a-dia dos professores e das escolas e, a partir dessa concepção, Nóvoa (1991) defende um investimento educativo nos projetos escolares. A formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura aqui e agora dos melhores percursos para a transformação da escola.” (CANDAU, 1997, p.26).

Novoa (1998) e Candau (1997) apontam para a importância da escola com espaço privilegiado de formação de professores. Espaço este de convivência e comunicação entre estes profissionais, na qual se torna possível a reflexão sobre a prática real, a discussão, a troca, a busca de soluções para o problema do cotidiano, que podem constituir um importante instrumento de formação dos professores, visto como mediadores da reflexão na relação professor-aluno.

Aponta-se na formação do professor, como veículo de modernidade, a utilização dos meios eletrônicos, os quais devem servir como estratégia e instrumento para o professor com o objetivo de aproximá-lo o máximo possível da realidade concreta do educando. Um ensino com visão moderna dá ênfase ao universo de informações e competências aos docentes que devem levar os alunos a ultrapassar os muros escolares da cidade, do país, desafios que impõe, ao processo pedagógico, articular estes espaços do conhecimento com a real necessidade do mundo

atual. Nessa perspectiva o novo docente deve ter consciência de que o conhecimento é transitório, inacabado, que se renova, e se reconstrói a todo instante.

A modernidade se faz necessária na instrumentalização dos professores, para articular os conhecimentos disponíveis no mundo, com os continentes, países, estados e comunidades. Sendo assim o saber universal deve ser a conquista de um professor articulador do processo pedagógico, que utiliza os recursos disponíveis para a aprendizagem efetiva dos educandos. “O profissional do futuro (e o futuro já começou) terá como principal tarefa aprender. Sim, pois, para executar tarefas repetitivas existirão os computadores e os robôs. Ao homem competirá ser criativo, imaginativo e inovador” (SEABRA, 1994, p.78).

Portanto, os professores devem saber orientar os educandos no que se refere aos meios tecnológicos e onde colher informações e como utilizá-las. Além de mediador competente e polivalente deve ser o encaminhador da aprendizagem, ora estimulando trabalho individual, ora apoiando o trabalho coletivo. No entanto, o uso das inovações, dos recursos modernos não são garantias de realização de um trabalho de qualidade, Pois, o professor precisa estar engajado num processo de transformação interna para encontrar caminhos pedagógicos para empreender atos corajosos que ocasionem ruptura com o “velho”. Avançar para o futuro significa dominar as informações, os conhecimentos e tornar-se novamente figura essencial no processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento humano.

Mesmo reconhecendo a necessidade de se investigar e repensar a formação de professores, neste trabalho, especificamente, se busca alternativas para a formação permanente dos professores. Para isso toma-se como referencias as contribuições de diferentes autores que explicitam o conceito de formação continuada e ao mesmo tempo anunciam alternativas que podem ampliar e efetivar a prática pedagógica nas escolas.

Pode-se concluir que atividades sistemáticas de formação dedicadas aos professores e especialistas da educação após sua formação profissional inicial garantem a continuidade e melhoria de conhecimentos de modo a assegurar a dinamicidade em sua formação e garantir uma maior eficácia na formação dos alunos.

Assim a formação continuada compreende toda e qualquer atividade de formação do professor que está atuando nos estabelecimentos de ensino, posterior à sua formação inicial, incluindo-se aí os diversos cursos de especialização e extensão oferecidos pelas instituições de ensino superior e todas as atividades de formação propostas pelos diferentes sistemas de ensino.

Para CANDAU (1997, p.70) é possível destacar a formação em serviço como uma das estratégias de formação continuada de professores. Assim, essa formação é compreendida por aquelas atividades que se realizam no próprio local de trabalho dos professores e outras atividades que, apesar de não estarem inseridas no espaço de trabalho, são organizadas ou ingeridas pelas instâncias superiores dos sistemas de ensino e oferecidas aos professores que deles fazem parte, tendo as atividades escolares concretas, e que estão vinculadas aos afazeres desses professores, como referencia fundamental.

Partindo do pressuposto que a formação continuada tem por objetivo o desenvolvimento do professor, cabe levantar uma primeira questão sobre quem é este professor que se pretende formar?

“O professor que não leve a sério sua formação que não estude, que não se esforce para estar á altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica autoridade do professor.” (FREIRE, 2000, p. 103)

É possível afirmar, ainda, que o professor que se deseja formar deve ser alguém criativo, que utilize essa criatividade em seu favor pedagógico; um professor que esteja consciente do seu poder de transformação e de seus limites como educador e como cidadão; um professor que saiba fazer ligação entre o mundo exterior e o que se passa no interior da sala de aula. Um professor entusiasmado, competente e comprometido como pessoa, como cidadão e como profissional.

Bem sabe-se que hoje em dia não é tarefa fácil para os educadores, existem varias situações que indiretamente tendem a culpar o professor pela má qualidade do processo

pedagógico. Por isso torna-se necessário encontrar caminhos que concebam a escola como uma entidade competente, comprometida com o conhecimento científico e sistematizado, que atenda as necessidades dos alunos como sujeitos históricos que precisam ser respeitados no processo.

Neste atual contexto, a falta de capacitação pedagógica incorre em um grave problema na ação docente. O professor por não ter preparo para lecionar escolhe por conta própria métodos que vai utilizar na sua prática em sala de aula, levando seu aluno a reproduzir, e não aprender de forma significativa com a realidade do momento.

“Para o exercício de qualquer profissão, há a necessidade de um aprendizado. Este aprendizado pode ser formal, institucionalizado, ou informal, empírico. A grande questão está em determinarmos até que ponto (e até quando) se pode permitir que o professor universitário, aquele sem qualquer formação pedagógica, aprenda a ministrar aulas por ensaio, e erro, desconsiderando o caráter nobre do sujeito com o qual trabalha: o aluno.” (VASCONCELOS, 1994, p.2).

O professor ao desconsiderar que ministrar aulas envolve o domínio de técnicas específicas e um tipo de competência profissional, a pedagógica, que deve ser aprendida e desenvolvida como qualquer outra competência e não simplesmente ser considerada um “dom”. A discussão na atualidade objetiva a capacitação docente para melhoria da educação brasileira.

No entanto a melhoria do ensino brasileiro não pode ser vista exclusivamente sob a ótica dos que conduzem, mas sim pensada em seu conjunto, levando em conta os diferentes fatores, histórico, político, econômico e social que influenciam o funcionamento do sistema educacional. “Só é possível pensar a formação dos professores pensando e repensando constantemente, a luz das ciências humanas, de todas as ciências humanas as práticas pedagógicas e o funcionamento dos estabelecimentos de ensino e dos sistemas educativos” (VASCONCELLOS, 1994, p.12).

A ação pedagógica encontra-se dentro da divisão social do trabalho com todas as suas contradições, assim deve-se tomar cuidado para não incorrer numa proposta neoliberal que reduz a melhoria na qualidade do ensino a mera instrumentalização, desconsiderando outros aspectos da realidade do trabalho como: qualificação, salário, descentralização de poderes, entre outros.

No atual contexto, a busca na qualidade de ensino constitui-se em uma grande preocupação na busca de alternativas que propiciem um melhor trabalho educativo na organização escolar. Sendo assim, os educadores precisam ser contrários a uma deficitária qualificação, por meio de cursos rápidos de reciclagem, longe da realidade do profissional e da dinâmica escolar. A qualificação profissional deve ser de forma sistematizada, articulada com as diferentes instituições de ensino superior e realizada num processo que possibilite a formação inicial e a formação iniciada de professores.

Considerando que a organização curricular dos cursos de formação de professores é composta de formação acadêmica que fornecem conhecimentos que ajudam a aprender os conteúdos curriculares específicos da área de conhecimento, e a formação pedagógica que fornecem a capacidade metodológica para aplicar os conteúdos. O grande desafio é conciliar dois momentos distintos, ou seja, tentar definir a peculiaridade da profissionalização dos professores distinguindo a formação pedagógica que o profissionaliza como docente e a formação básica que o capacita para transmitir ou ajudar a aprender os diversos conteúdos curriculares. (SACRISTAN, 1996)

Na organização do conhecimento disciplinar teórica e prática dos cursos de formação inicial de professores, está implícito o entendimento da relação entre teoria e prática. A divisão do curso em disciplinas, constitui em uma estratégia didática para trabalhar com os conhecimentos das diversas áreas do saber.

Para Freire (2000):

“O papel da autoridade democrática não é, transformando a existência humana num “calendário” escolar “tradicional”, marcar as lições de vida para as liberdades mas, mesmo quando tem um conteúdo programático a propor, deixar claro, com seu testemunho que o fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume.” (FREIRE, 2000, p. 105)

Muitas vezes, as disciplinas que fazem parte dos cursos de formação de professores em nível médio e superior desenvolvem estudos de contemplação sobre a escola, idealizando e definindo as características dessa instituição. Pode-se considerar que estes estudos não

privilegiam a escola com todas as suas complexidades, pelo contrário distanciam-se da real situação que envolve o ambiente escolar. Esse tipo de formação de professor não leva em conta as condições efetivas da prática e se discute sobre uma escola inexistente. O valor dos estudos de cada disciplina torna-se fechado em si mesmo.

Desta forma, uma prática desprendida de teoria torna-se uma prática vazia, sem direcionamento, causando sérios problemas ao funcionamento do ensino. Como por exemplo, o apego dos professores aos modismos teóricos, a aceitação sem oposição das propostas governamentais, e o mais clássico, a dependência desses profissionais com o livro didático, tornando este instrumento o principal condutor do processo pedagógico colocando em xeque a função do professor.

Essa desvalorização profissional acaba em um agravante à situação pedagógica. Muitos professores conformados não se sensibilizam pelas mudanças necessárias e perpetuam sua ação docente reprodutiva. Para Behrens (1996, p.50) “[...] os tempos são outros, os alunos não são mais os mesmos, o professor que não pode ser o mesmo, acaba cometendo imitações que não condiz com o real”.

Neste contexto convém lembrar que, cabe, então, as universidades ser uma entidade que se destaque e se efetive como centro de produção de ciências, conhecimento tecnologia e cultura. Essa afirmação vale para os pressupostos necessários à preparação dos futuros docentes que irão atuar na escola. Entretanto, cabe também, às entidades mantenedoras propiciar aos professores tempo e espaços pedagógicos para efetivar sua formação continuada – enquanto um processo que pode contribuir com a melhoria da qualidade do ensino que é oferecido aos alunos de diferentes níveis e diferentes modalidades educativas.

## Considerações Finais

A formação continuada é na atualidade necessária e um dos momentos ricos em que os professores realizam reflexões sobre sua prática e acrescentam novos conhecimentos para revê-las no cotidiano da sala de aula, portanto devem fazer parte do calendário escolar.

Como ressaltaram os autores não basta saber os conteúdos, ter formação teórica, pois o esforço para ensinar determinados conteúdos com clareza não é o bastante para que o aluno aprenda. O objeto de estudo como ressalta Freire (2000) é que deve incitar o aluno a produzir a compreensão do objeto e isso não é uma questão fácil, pois requer um esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e o mesmo empenho crítico do aluno de entrando como sujeito em aprendizagem, no processo que o professor deflagrar.

A formação continuada deve ser constante e assim como a educação dos alunos deve possibilitar aos professores discutirem e desvelarem a compreensão do que está angustiando em sua prática cotidiana em sala de aula, para que no coletivo busquem alternativas a partir do objeto de estudo em foco.

Neste sentido, estamos convencidos que qualquer prática educativa é antes de tudo social, que envolve sentimentos, emoções, desejos, sonhos, pois enquanto prática humana não pode ser experiência fria, sem alma, mas também deve ter rigor e disciplina intelectual, pois o exercício da curiosidade epistemológica como destaca o professor Paulo Freire (2000) é necessário para rigorosidade científica.

## Referências Bibliográficas

ALTET, Marguerite. **As competências do professor profissional: Entre conhecimento, esquemas de ação e adaptação, saber analisar.** In: PAQUAY, Leopold, PERRENOUD, Philipe. ALTET, Marguerite. CHARLIER, Evelyne. Org. Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências? 2 ed. Porto Alegre: Artemed Editora, 2001.

ALTOÉ, A., Gasparin, J.L., Negrão, M. T. F., Teruya, T. K., (2005). **Didática: processo de trabalho em sala de aula.** Eduem - editora da Universidade Estadual de Maringá. Formação de professores, EAD nº 14.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica.** Curitiba: Champgnat, 1996.

BRASIL, **LDBEN- 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação.** Brasília: MEC, 1996.

CANDAU, Vera Maria. Magistério: **Construção Cotidiana.** Petrópolis, R.J:Vozes, 1997. p.52 – 68.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** Campinas: Papiruz, 1989.

DELORS, Jcques. **Educação: um tesouro a descobrir.** 6 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC; UNESCO, 2001.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** São Paulo: Globo, 1986.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico.** 7ª Ed., São Paulo: Global Editora, 1985.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo critico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia Vigotskiana –** Campinas, são Paulo, 2004.